

## **Cultura Afrobrasileira na Escola: o Congado na sala de aula**

Jeremias Brasileiro\*

\*Historiador e pesquisador da Cultura Afro-Brasileira, mestrando em História, pela Universidade Federal de Uberlândia, na qual é graduado em (Bacharelado e Licenciatura). Milita na área de História e Cultura, trabalhando com temas ligados à Cultura Afro-Brasileira, especialmente o Congado. Possui vários livros publicados, entre os quais; Congadas de Minas Gerais (Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura, 2001) e Cultura Afro-Brasileira na Escola: o Congado em Sala de Aula (São Paulo: Editora Ícone, 2010). É Comandante Geral da Festa do Congado de Uberlândia e Comandante do Reinado do Rosário de Rio Paranaíba, na região do Alto Paranaíba, em Minas Gerais.  
Contato: jeremiasbrasileiro@hotmail.com

### **Introdução**

Cultura Afro-Brasileira na Escola: o Congado em sala de aula visa oferecer referenciais teóricos e metodológicos para embasar o educador de forma didática sobre o Congo, as Congadas e o Congado. O mesmo tem o intuito de contribuir para o cumprimento da Lei 11.645/2008, que torna obrigatório no ensino fundamental e médio, nas escolas brasileiras públicas e particulares, o estudo da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. A nova legislação (que veio a alterar a Lei 9.394/96 e a 10639/2003) estabelece que o conteúdo programático incluirá diversos aspectos da história e da cultura que formaram a população brasileira, levando em consideração os Índios e Africanos. Além de teoria, é um trabalho prático possível de ser realizado por meio do Congado, não só nas disciplinas de Artes, Literatura e História, mas nos conteúdos de Geografia, Português, Matemática, Ensino Religioso e na Educação Física. O propósito é oferecer aos educadores um exemplo dessas possibilidades. Também elencaremos nesse breve estudo, cinco temáticas para orientar os educadores sobre como discutir o Congado na sala de Aula, desconstruindo preconceitos, principalmente.

### **Festa do Congado e Reinado do Rosário**

Devido à historicidade complexa que é o Congado no Brasil e da diversidade existente nas Minas Gerais, duas observações são necessárias. Geralmente, quando falamos de Festa do Congado, ela envolve além de Nossa Senhora do Rosário e diversos outros santos, a presença

dos denominados Reis Festeiros, que são nomeados ou escolhidos a cada ano, podendo ser ou não vinculados às Irmandades do Rosário e em outros lugares, às Associações dos Grupos de Congados.

Já no Reinado do Rosário, existe um cortejo real que se presentifica por meio do Rei Perpétuo e Rainha Perpétua, do Rei Congo e Rainha Conga, de príncipes, juízas, súditos e festeiros, e ainda uma variedade de santos, dependendo da localidade. Nesse sentido, é pertinente falar de Congados de Minas Gerais e de suas diversidades culturais e religiosas. Dos marujos, marinheiros, catupés e moçambiques; das guardas de congo, de vilões, de penachos e caboclinhos; dos congos reais, congos espertos e congos serenos. Dos batalhões, cateretês e bombachinhos. Dos reinados e festas do Congado em homenagem à Senhora do Rosário, São Benedito, Santo Antonio, São Elesbão, Nossa Senhora Aparecida, Santa Ifigênia, Santa Clara, São Domingos, Santa Helena, Nossa Senhora das Mercês e tantos outros.

### Discutindo Preconceitos

Por se tratar de uma manifestação cultural tradicional que foi constituída no Brasil por negros escravizados, a partir de memórias de seus lugares de origens, e fundamentadas nos seus modos de ver o mundo, sentir a vida e cultuar antepassados, os congadeiros enfrentaram e continuam enfrentando preconceitos e não há melhor espaço para desmitificar certas pejoratividades negativas, do que no ambiente escolar.

Termos como macumba, mandinga, feitiço, são constantemente associados aos grupos de congados quando esses são em maioria absoluta, constituído de negros enraizados nas religiosidades de matriz africana. Por isso, são identificados como macumbeiros, feiticeiros e chamadores de forças negativas através do retumbar de seus tambores. Essas denominações racistas e preconceituosas são bastante veiculadas por determinadas seitas evangélicas que se especializaram nos últimos anos, a atacar sistematicamente as práticas culturais dos negros, usando principalmente, programas televisivos.

Algumas das manifestações práticas de intolerância religiosa, aconteceram no Pontal do Triângulo no início da década de 2000, quando membros de uma comunidade evangélica, jogaram sal grosso nas imagens de santos que passavam em procissão pelas ruas da cidade de Capinópolis. Na Cidade de Rio Paranaíba, vândalos intolerantes, queimaram os mastros de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário e ainda durante a realização de novenas, alguém colocou “estrupe de vaca” numa sacola bem fechada, como prenda ofertada para leilões.

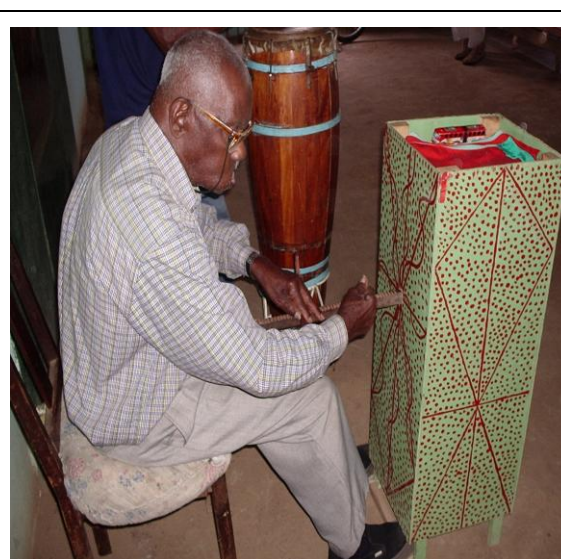
Como se isso não fosse o bastante, conflitos permanentes entre a Igreja Católica e os congadeiros já chegaram a situações absurdas em várias regiões de Minas Gerais. No Alto Paranaíba, na cidade de Ibiá, um padre que tem coragem de falar que “vai acabar com a festa” e tantas outras tentativas criteriosamente construídas ao longo de décadas no sentido de desestruturar o Congado na cidade.

Em Serra do Salitre, determinado padre simplesmente fechou a porta da igreja no momento em que os grupos de congados se aproximavam e se preparavam para entrar. Contudo, esses acontecimentos permeiam os congados de Minas Gerais. Daí, a importância de se trabalhar com essa temática do preconceito, compreendendo que ela está disseminada na sociedade de uma forma geral e mais acintosamente quando se trata de comunidades negras.

Quando as pessoas dizem que os congadeiros fazem macumba, elas necessitam saber que macumba é um instrumento musical percutido por um macumbeiro. Quando denominam o Congado de feitiço, não sabem que “feiticeira”, era um nome de instrumento idêntico a uma pequena cabaça que possuía nozes de palmeira em seu interior e adornada de contas de lágrimas. Exemplificamos na foto a seguir, o que vem a ser uma macumba e um macumbeiro.



MACUMBA



MACUMBEIRO

Instrumento musical composto por um bastão de madeira, com dentes em toda a sua extensão, possui também um pedaço de arame preso às extremidades, este arame contém tampas de garrafas, assim, no momento de ser utilizado, é apoiado na barriga, e em uma caixa de madeira, sendo usadas duas varinhas de madeira em atrito com os dentes do bastão.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> FOTO: In: LOPES, Kely Cristina. Omolokô: um estudo do território negro em Uberlândia. Monografia, Ciências Sociais, UFU, 2004, p. 15.

Quando os macumbeiros iniciavam seus toques de macumba, era o momento que muitos escravizados aproveitavam para fugir. Nesse aspecto, capitães de mato podiam dizer que na noite em que houve toque e dança de macumba, vários negros fugiram. Assim, o termo macumba foi ganhando uma denotação pejorativa, associada à coisa ruim, de maldade, uma vez que realmente, para os donos dos engenhos, sempre que se tocava macumba, eles perdiam as suas peças de ganho.<sup>2</sup>

A expressão mandinga é outra que no uso popular representa maldade. Mandinga era um dialeto falado por um grupo de negros que detinham o conhecimento do Alcorão, a bíblia islâmica. Sendo islâmicos e leitores, eles sabiam escrever e ocorria que eles escreviam mensagens e deixavam nos patuás (bolsinhas de couro ou cabaças) e colocavam pendentes ao pescoço.

Essas informações não se encontram nos livros de histórias. São memórias de fontes orais de pais, de tios, de avós, bisavós, dos antepassados. Segundo Abel Jerônimo da Silva, o mandinga era uma língua, uma cantoria de um povo que sabia escrever mensagens e colocar nos patuás, “que era a proteção deles, que só elas sabiam escrever, cantar e falar o mandinga”.

Eram também capitães de mato no tempo da escravidão, que os senhores escolhiam porque achavam que era gente mais inteligente, por isso, quando escravo fugia, eram eles que iam atrás e aí, numa luta, se o escravo matava um mandinga, pegava o patuá (bolsinha de couro presa ao pescoço) como troféu de vitória. Quando então vinha um mandinga de verdade e encontrava com esse escravo, o mandinga ia falar na língua dele e o escravo não sabia responder. Daí que vem até os dias de hoje aquela frase né! “quem não pode com mandinga, não carrega patuá”.<sup>3</sup>

Todo congadeiro faz ritual de fechamento de corpo. Quer seja por meio de oração, de música, de dança, de bebidas. Fechar o corpo significa estar preparado para um bom tempo de festa, ter paciência nos momentos de adversidades, saber controlar-se emocionalmente se uma pessoa irritada com os tambores agride verbalmente os dançadores. Se alguém embriagado tenta entrar no meio dos foliões, há que se ter calma para retirá-lo sem necessidade de agressão, fechar o corpo é estar em paz consigo mesmo.

Muitos aspectos do Congado ainda hoje vistos a partir de curiosidades, anedotas, mitos e oralidades diversas, podem sim, ter os seus componentes de historicidades resultantes do período escravista no Brasil. É preciso compreender que alguns dos povos africanos que nas

---

<sup>2</sup> BRASILEIRO, Jeremias. *Cultura Afro-Brasileira na Escola: o Congado em Sala de Aula*. São Paulo: Ícone Editora, 2010, p. 78.

<sup>3</sup> Entrevista por meio de depoimento colhido em julho de 2004, na cidade de Rio Paranaíba- Alto Paranaíba – MG. Abel Jerônimo da Silva, Comandante Espiritual do Reinado do Rosário de Rio Paranaíba – MG.

Américas chegaram, cultuavam deuses que se manifestavam, sobretudo, por meio da natureza, prática essa totalmente estranha aos cristãos escravocratas. A idéia de praticar sua religião e costumes culturais misturadas ao catolicismo, mais do que sincretismo, era uma forma de fazer com que suas crenças e memórias permanecessem vivas.

Desse modo, a presença de curandeiros foi primordial. Eles conheciam as plantas medicinais e alguns fenômenos da natureza, por isso, esses homens e mulheres eram temidos, pois, se acreditava que eles comunicavam com o além. No Brasil colônia, entre os artifícios usados para vingar a violência, figurava o uso das plantas para causar doenças e mesmo a morte e daí, surge o estigma dos negros escravizados e também de congadeiros feiticeiros, praticantes de magia negra.<sup>4</sup> Era apenas uma prática religiosa diferente que em determinados momentos, foi incorporada à luta contra a opressão da casa grande, dos senhores de engenhos, dos escravocratas de maneira geral. Assim, esse temor foi utilizado como estratégia de luta e combate à violência dos senhores de escravizados.

Dessa forma, capitães e líderes de congados, principalmente os mais idosos, associados a “pretos velhos”, assustavam as pessoas que atravessavam no meio ou em frente aos grupos em ritos processionais, o que era e é uma falta de respeito e a maneira que os congadeiros encontravam, era de dizer que essas pessoas ficariam amarradas, com o corpo pesado por ofender as bandeiras sagradas que iam à frente dos grupos de congados. No ritual do congo, o préstito do reinado pelas ruas não deve ser atravessado, interrompido por ninguém.

### Memórias Que vem de Africanidades

Dialogar na sala de aula por meio da cultura afro-brasileira pode ser um exercício prazeroso desde que o educador esteja motivado para enfrentar o desafio. Do ensino infantil aos cursos superiores é possível desenvolver a temática do Congado. Em se tratando do ensino infantil, um dos principais expoentes é Mameto – o menino príncipe, filho do Rei de Congo.

É uma narração literária sobre a festa de Congo no Rio de Janeiro do século XVIII, por volta do ano de 1749, com relatos de seu acontecimento até o ano de 1811. Luiz Edmundo<sup>5</sup> descreve a realização de um préstito de Congado por meio de um relato oral

---

<sup>4</sup> Festa Cultural: **o reinado em Aguanil, Campo Belo e Cristais**. Uma publicação para a 2ª Jornada Mineira do Patrimônio Cultural. Prefeituras dos municípios de Aguanil, Campo Belo e Cristais. Campo Belo: Crafisa, 2010, p. 09.

<sup>5</sup> EDMUNDO, Luis. O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis. Editora Conquista, 1956, p. 255.

coreográfico que apresenta uma encenação teatral a respeito de um garoto que é assassinado e depois retorna à vida. O seu nome era “Mameto”, o menino príncipe, filho do Rei do Congo.

Essa coreografia foi traduzida em imagem por um grupo de Uberlândia: o Moçambique Estrela Guia. A imagem transformou-se em estandarte e referencial do Moçambique em todos os lugares em que se apresenta. As crianças apresentaram uma encenação teatral de “Mameto” e hoje, esse símbolo é a logomarca oficial do Moçambique Estrela Guia, conforme fotografia abaixo.



Moçambique Estrela Guia na Praça do Rosário de Uberlândia em outubro de 2008 e a percepção de alegria que se vê irradiar de seus componentes, tendo à frente a matriarca do grupo e ao fundo a figura de “Mameto” no estandarte. Acervo do autor Jeremias Brasileiro. É possível a partir desse contexto, usar o filme “Reizinho de Congo” um livro de Edimilson de Almeida Pereira, de Minas Gerais, que se transformou em desenho animado e está disponível no projeto – A COR DA CULTURA –, por meio do Site: [WWW.acordacultura.org.br](http://WWW.acordacultura.org.br). Outro desenho animado é o “Mito fundante do Congado”, do filme Reis de Contas, produzido em 2004 por Waltuir Alves. O desenho narra como os diversos grupos de Congados tentaram retirar Nossa Senhora do mar. É um desenho animado com narração de Jeremias Brasileiro e está disponível no Site: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>.

## O Congado em Sala de Aula

Apresentamos de maneira sintética, várias possibilidades interdisciplinares possíveis de ser trabalhadas em sala de aula.<sup>6</sup>

**Língua Portuguesa:** apresentação de pequenos textos sobre os Congados, para serem lidos e discutidos com os alunos; exibição de vídeos para melhor contextualização do tema; propor atividades de pesquisas para melhor entendimento sobre os “Congados”; exercícios de fixação, oral e escrito, por meio de textos a serem trabalhados em sala de aula.

**Geografia:** apresentar para os alunos, materiais sobre os grupos de Congados, como textos, fotos, gravuras, convites; questionar os alunos acerca dos grupos existentes na sua cidade ou região; elaborar um trabalho específico a respeito do Congado, focando a realidade em seu município; de acordo com a série e nível de conhecimento dos alunos, levar para a sala de aula mapa da cidade para que o aluno localize com mais facilidade onde estão concentrados os grupos de Congados; pesquisar em sala de aula o número de alunos que participa do Congado; levantar o número de alunos que fazem parte do Congado, entre meninas/meninos. Expor esses números em gráficos.

**História:** pesquisar com os familiares ou pessoas que conhecem ou participam de grupos de Congados sobre: a origem do Congado; como surgiu na sua cidade; a influência dessa prática cultural no município e região; a importância dessa manifestação e o porquê dessa tradição das danças, das cores, dos instrumentos e dos ritmos diversos; quem são os congadeiros mais antigos de sua cidade e que memórias eles guardam dos tempos passados?

**Matemática:** nos grupos de Congado tudo gira em torno de números, de crianças, de grupos, de instrumentos, de novenas, de idosos, adultos, de leilões, de capitães e vários outros fatores. Temos aqui algumas propostas de situações problema, baseada em praticidades: qual é o nome do grupo que você conhece; quantos instrumentos eles usam,

---

<sup>6</sup> O conteúdo completo, com fundamentação teórico metodológica e prática, está no livro: Cultura Afro-Brasileira na Escola: o Congado em Sala de Aula, Ícone Editora, São Paulo, 2010.

quantas sandálias as meninas e as mulheres, compram, qual o valor final do metro de tecido utilizado, qual o valor unitário de cada instrumento e o valor final.

**Ensino Religioso:** o combate à intolerância religiosa; o respeito a todos os credos, valorizar a cultura, independente de religião, respeitando assim o conhecimento que os alunos trazem de seu cotidiano; usar textos para reflexão, exibir vídeos, propor pesquisa de campo como forma de desconstruir preconceitos.

Artes: desenhos livres; recortes e colagens, painéis expositivos, exploração das cores.

**Educação Física:** a) A Trança de Fita no Mastro é uma possibilidade de se trabalhar com a coordenação motora dos alunos. Nos movimentos circulares de até 360 graus, há uma necessidade de dançar num movimento de pés que ora recuam, ora avançam. Ninguém consegue executar a trança de fita sem ensaiar e há grupos tão metódicos que conseguem construir uma teia qual formato de aranha, devido a uma contínua preparação.

O professor de Educação Física precisa interagir-se com o professor de Artes, que contribuirá na seleção das fitas multicoloridas, trabalhando a natureza simbólica dessas cores não só no contexto do Congado, mas a partir de suas vidas e de suas famílias.

O material necessário para o desenvolvimento dessa atividade é simples: um cano de PVC, fitas coloridas, principalmente se possível de tecidos ou similares, com várias tonalidades de cor; um grupo de alunos com pelo menos 11 componentes.<sup>7</sup>

**b) Bastão de Angola:** os bastões utilizados nos grupos de Congados possuem vários significados, simbologias, histórias e memórias. Não é um simples objeto para compor a indumentária de quem é seu portador. Um mito narrado por Valter Manoel da Cruz, Coordenador da Festa do Reinado do Rosário de Ibiá, Capitão de Moçambique e de Folias de Reis, ajuda a perceber o quanto de historicidades é possível encontrar por meio de um objeto ritualístico que se torna em relíquia nas mãos de um congadeiro. Essa memória é compartilhada oralmente por muitos congadeiros que se encontram nessa tradição há décadas, principalmente na região do Alto Paranaíba.

Segundo o mito, os escravos não entravam nas igrejas, por isso eles faziam suas preces geralmente em locais ermos, sob árvores, rochas, em qualquer local que fosse possível. Por meio de danças, entoavam os seus cantos em linguagens difíceis de ser compreendidas, pois poderia haver uma mistura de dialetos devido às diversas nações existentes que para o Brasil não só por possuírem músculos fortes, mas por dominarem várias técnicas de produção.

---

<sup>7</sup> BRASILEIRO, Jeremias. *Cultura Afro-Brasileira na Escola: o Congado em Sala de Aula*. São Paulo: Ícone Editora, 2010, p. 71-74.



Assim, começaram a rezar e dançar em volta de um tronco seco, queimado, no qual existia uma parasita e essa parasita um dia deu flor. O tronco então florido foi celebrado como um milagre e por essa razão batizaram-no de “Toco de Angola”. Quem já praticava o congo, levou um pedacinho da casca do tronco, consigo como memória do acontecido. A partir de então, começaram a aparecer diversos tipos de bastões com ramos e flores no ápice, durante as festas de congados. Vários outros tipos, com inscrições que rememoravam antepassados, deuses, pretos velhos, serpentes e todo tipo que a criatividade permitia forjar, surgiram em outras regiões. O capitão Valter, cauteloso, simplesmente diz: “conto aquilo que me passaram, se é verdadeiro ou não, foi mais ou menos assim que me passaram”.

Interessante notar que nessas práticas que são culturalmente similares nos Congados de Minas Gerais, há capitães do Congado que usam a madeira chamada de maria-preta, cansa-crioulo, pau-crioulo para produzirem seus bastões, que podem ser adornados com ramos, flores, cabeça de preto-velho e outras simbologias.

c) Construindo um Bastão de Angola: para fazer um bastão de Angola em sala de aula, é preciso partir um cabo de vassoura em dois, usar papel de seda de várias cores e colar em toda a extensão. Depois, produzir flores para colar no ápice do bastão, como é possível visualizar na imagem a seguir.



Capitão Valter Manoel da Cruz. Arq. JB/2008. Foto: Anderson Ferreira.

## Considerações

Congado é modo de vida, de produções de valores, de vivências e de significados, de conexões que envolvem economia, educação, sentidos, sentimentos, religiosidades, no qual, o campo da política, não deve ser desconsiderado. O Congado é um movimento de sentido cultural que se amplia para o fazer social. Por esse motivo é preciso pensar o Congado enquanto diversidade das práticas culturais, permitindo entender essas tradições como permanências temporais e não como prática cultural estática. Mesmo as rochas sofrem modificações por questões climáticas como gotejamento d'água, poeira e ventanias e por razões biológicas como a proliferação de fungos e o surgimento de arbustos entre as fendas.

Desse modo, é necessário perceber o Congado como um meio de reprodução de práticas, porém dissociado de uma mera cópia do passado, ele é reprodução em um contínuo movimento que dá sentido à permanência cultural. Esse reproduzir revitalizador cotidiano, ao permear as práticas culturais do Congado, insere-o num contexto social mais amplo, disseminando-se e contribuindo para sua presença não somente em dias de festa e sim na conjuntura social.

## Depoimentos

Valter Manoel da Cruz, Coordenador da Festa do Reinado do Rosário de Ibiá. Capitão de Moçambique e de Folias de Reis. Entrevista realizada em Ibiá - MG, no dia 16/06/2010.

Abel Jerônimo da Silva, Comandante Espiritual do Reinado do Rosário de Rio Paranaíba – MG. Depoimento colhido em julho de 2004, na cidade de Rio Paranaíba – MG.

## Referências Bibliográficas

- BRASILEIRO, Jeremias. Cultura Afro-Brasileira na Escola: o Congado em Sala de Aula.  
EDMUNDO, Luis. O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis. Editora Conquista, 1956.  
LOPES, Kely Cristina. Omolokô: um estudo do território negro em Uberlândia. Monografia, Ciências Sociais, UFU, 2004.  
Festa Cultural: o reinado em Aguanil, Campo Belo e Cristais. Uma publicação para a 2ª Jornada Mineira do Patrimônio Cultural. Prefeituras dos municípios de Aguanil, Campo Belo e Cristais. Campo Belo: Crafisa, 2010, p. 09.